

# A Linguagem da Academia Cearense de Letras

(ESTUDOS DE FILOGIA GERAL E DIALECTAL PORTUGUESA)

MARTINZ DE AGUIAR

## INTRODUÇÃO

A Academia Cearense de Letras é a mais alta instituição literária do Ceará. Congrega romancistas, poetas, sociólogos, etnógrafos, filólogos, literatos de todos os matizes, estudiosos de todos os ramos, afins das boas letras, da esganhada ciência moderna, e tem algumas das figuras primaciais da atual literatura brasileira. Estudar-lhe, pois, a linguagem—é estudar a linguagem literária do Brasil de hoje, que não é diferente da linguagem literária de Portugal, senão quando se recorre à veia caudalosa da dialeção, tauxiada de palavras próprias, irisada de giros sintáticos que fogem aos esquemas pre-estabelecidos, variada por gama vocálica muito mais clara e aprazível.

E' tempo de se coligirem os materiais necessários à feitura da grande obra de comparação entre o português peninsular e o português americano. Muitos ensaios existem já que nos dão uma vista geral das analogias e diferenças que os dois apresentam, mas não são ainda suficientes, por que é antes de tudo imprescindível delimitar com a maior segurança a MÉDIA numa e noutra modalidade linguística, para tomá-la por ponto de referência. Sem isso, por mais que nos esforcemos todos, os estudos não deixarão nunca de ser precários, e estarão sempre sujeitos a revisão. E', portanto, dever de cada filó-

logo estudar, conscientemente, cientificamente, a sua linguagem nativa, a fim de que se possa fazer o grande trabalho preliminar do ainda maior trabalho de comparação.

Se conseguíssemos levantar no momento essa colossal construção, estou certo de que ficaria provada, axiomáticamente, a mesmidade da lingua que falamos e que falam aqueles que no-la transmitiram com o descobrimento e a colonização. Há, em verdade, profundas divergências entre os falares do Brasil e os de Portugal,—como as há entre as diversas zonas linguísticas de qualquer dos dois países. Demais, essas divergências permanecem no seu âmbito primitivo, DIALETAL, ainda não avultaram, ainda não conseguiram generalizar-se, ainda não vieram a influir decisivamente na trama e tessitura íntima da lingua, cujo caráter diferencial e individualizador é dado principalmente pela morfologia, que continua a mesma no vasto e dilatado domínio do português.

E' justamente essa a razão por que a literatura ainda não foi atingida por influências perturbadoras e se mantém inalterável aquém e além-mar. Examinemos uma dúzia, não é precisomais, nem é preciso recorrer-lhes a tôdas as obras, de autores lusitanos dos tempos modernos, escolhidos dentre os mais notáveis, não só no domínio da ficção, mas até no da história, da crítica e da estética. Tornemos a ler, com tôda a atenção, as «Jornadas no Minho», «A Comédia de Lisboa», o «Portugal Amoroso» e «O Canto da Sereia», de D. João de Castro; «A Vida Sinuosa», «O Cavaleiro de Oliveira», «A Batalha sem Fim», «As três Mulheres de Sansão» e «Maria Benigna», de Aquilino Ribeiro; «A Catedral», «A Ressurreição», «A Batalha nas Sombras», «A Planície Heróica», as «Duas Almas» e «O Deserto de Amor», de Manuel Ribeiro; as «Heroínas Portuguesas», «Os Grandes Estadistas Nacionais», os «Amores à Margem da História» e «Os Dramas da Liberdade», de Rocha Martins; os «Ensaio de Crítica e Estética» e os «Novos Ensaio», de Henrique de Vilhena; «A Igreja e o Pensamento Contemporâneo (O Fato Religioso)», de D. Manuel G. Cerejeira; «O Raio Negro», de Luiz de Sá Cardoso; «Salazar», de António Ferro; a «Dona sem Dono», de

Samuel Maia; o «Diário dum Emigrante», de Joaquim Paço-d'Arcos; o «Humus» e «Os Pobres», de Raul Brandão; e o «Verbo Escuro» e «S. Jerónimo e a Trovoada», de Teixeira de Pascoais. Terminada a releitura, bem agradável de comum, por que há, aí, dos mais perfeitos prosadores da lingua portuguesa, é irrecusável a afirmação de que o mecanismo linguístico do Portugal literário não se alonga do que empregam os nossos escritores. Alguns, como Aquilino Ribeiro, usam, é certo, aquí e alí, de palavras e construções que não nos soam bem ou estranhámos, mas por que desejam aproveitar modismos populares.

«Não há *grandes minutos*, querido amigo, que o Fortuna carteiro, depois de tocar a buzina no largo com estridor que assombrou os galos pelas eiras, me entregou a sua carta.» («Maria Benigna», p. 9; Moura Pontes, Rio-de-Janeiro.)

Nós diríamos *muitos minutos*.

«Ouça bem: eu, *nos seus termos*, candidato à glória, casado, pai de filhos, com os pés na comodidade burguesa e a cabeça na nuvem revolucionária, teria medo da entremetida.» (Id., p. 10.)

Para nós, seria *no seu caso, nas suas condições*.

«*Enchi-me de chorar* nos braços da Honra.» (P. 102.)

Brasileiros diriam *quase morro de chorar* ou, com uma pontinha de ironia, *fartei-me de chorar*. Em tal caso, não dariam nunca ao verbo *encher* o valor, que aí tem, de *deixar-se dominar*.

«Com o meu Adriano, mau, cruel, ingrato, egoísta, *dei por paus e pedras*.» (P. 102.)

A nossa expressão é apenas *por paus e por pedras*, com a repetição indispensável da preposição.

«Ora, que o agente caprichoso nos ate, a mim e a Ermelinda, *tão bel ou tão mal*, que fiquemos apertados como em saco os defuntos atirados dos navios à cova movediça do mar, *tão bel ou tão mal* que o meu corpo guarde para sempre o odor a *lavanda*, molarinha e torrão, depois duma estiagem de meses, que exalam os seus membros frescos de *dezasseis* anos!» (P. 160-1.)

Três lusitanismos há nessa frase : *tão bel ou tão mal*, em que *bel* está adverbializado, em lugar de *bem*, e *lavanda e*, de algum modo, *dezasseis*. Haverá um quarto em *torrão*, se não está, como parece, com o sentido comum.

«A grande novidade, que a esta data será, porventura, velha para *vocês*, foi a visita dos de Lisboa, precisamente no dia imediato ao de *vossa partida*.» (P. 201.)

Enquanto é de uso em Portugal, embora não reconhecido pela gramática, referir *vosso* a *vocês*, nós seguimos a regra, dizendo *seus* ou *de vocês*. Só literariamente é que empregamos *vosso*, mas em referência a *vós*.

«Para criada, hoje em sua casa, amanhã em casa *doutrém*, com aquele palminho de rosto estava em breve «papillon» de clube ou desgraça pior.» (P. 228.)

*Outrém* é com certeza um dialetismo lusitano. No português arcaico, é incontestável que houve essa forma, à semelhança de *alguém* e *ninguém*. Mas, depois, *outrém* passou a *outrem*, por influência de *outro*, ao passo que *alguém* e *ninguém* mantiveram a oxitonia, a par de *algum* e *nenhum*, também oxítonos. Deve-se ter mantido dialetalmente, para que possa ser assim registado por um escritor de tão alto mérito.

De todos os autores citados, porém, quem mais se serviu de regionalismos foi Manuel Ribeiro, na «Planície Heróica», que semeou de modismos próprios à fala do sul da velha metrópole.

«O Raio Negro», modelo de romance hodierno, não tem, a não ser *role*, por *rol*, que está nas condições de *quere*, por *quer*, e para não falar em individualismos como *penível*, uma só palavra, uma só construção, que não possam ser subscritas por qualquer escritor brasileiro.

D. João de Castro pôs muitos arcaísmos no «Portugal Amoroso». O grande prosador desejava imprimir à narração um certo tom, uma certa cor; das várias épocas em que ia localizando os dramas de amor que tão superiormente evocava.

Feitas essas restrições, que são pouco, ou que são nada, e, ainda que fôssem muito, não chegariam a determinar a existência de uma língua diferente, por não afetar os elementos internos do nosso sistema glótico, reduzido o fato às suas proporções reais, podemos indagar se havemos então de ser sempre colônia linguística de Portugal, se havemos de manejar sempre uma língua que não é nossa, mas que é dos portugueses, por que foram eles que a modificaram, modelaram e afeiçoaram aos seus hábitos, aos seus costumes, à sua cultura, às suas necessidades psíquicas enfim.

E' a mal compreendida e a mal estudada questão de patriotismo. E' o quintessenciado sentimento de brasilidade, que nos tem feito dizer e escrever tanta injustiça, que nos tem levado a cometer tanto erro científico, mas que, a final de contas, e basta para redimi-lo, nos deu essa linda palavra,—*brasilidade!*

Avassalada a antiga Lusitânia pelos soldados romanos, que, juntamente com a sua mentalidade, lhe comunicaram a sua língua, constituiu-se o português como evolução do latim plebeu. Avassaladas as terras da Vera-Cruz pelos portugueses, que para cá trouxeram, não só a sua mentalidade e a sua língua, mas ainda o seu próprio sangue, que tem prevalecido no caldeamento rácico que se vai aos poucos operando, a língua continuou o que era dantes—falada por aqueles que dantes a falavam e que se tinham apenas transplantado de uma parte para outra parte do mundo, e pelos seus descendentes diretos, que seriam europeus, e não americanos, se na Europa tivessem nascido—, modificando-se, entretanto, no sistema fonético, fixando determinados giros sintáticos, opulentando o vocabulário, evoluindo alfim. A NOSSA língua não é, pois, o tupí, não é nenhuma das modalidades do grupo negro, é o PORTUGUÊS, por isso mesmo que não somos de sangue tupí ou negro, embora entrem eles em nossa formação étnica, mas de fato português. Assim é, e, se assim não fôsse, ainda seria erro científico dizer os portugueses «donos da língua», como têm feito filólogos de lá e de cá, nem mal nenhum nos adviria de termos o mesmo apare-

lhamento glótico dos antigos lusitanos, nem provaria nenhuma inferioridade ou subserviência intelectual, como nada disso acontece no que respeita aos belgas, que falam francês, aos argentinos, que falam castelhano, ou aos unidenses, que falam inglês. A língua é legitimamente dêles, tanto quanto nossa. O que prova inferioridade ou subserviência é rejeitarmos meios de expressão nossos, tradutores muita vez de catassóis particulares, só por que não se usam em Portugal ou lá se arcaizaram. O que prova inferioridade ou subserviência é procurarmos aproximar, até forçadamente, o brasileiro de hoje (digamos assim nesta conjuntura) do lusitano de hoje, sem considerar o complexo de fatores que dêles estão fazendo dois galhos, dialetais ambos, do mesmo tronco, cada qual sujeito a contingências diversas, mesológicas e históricas, e fadado a afastar-se tanto do outro como o português se afastou do castelhano, do italiano, do francês, do provençal, do rético e do romeno. Quando mais se aprofundarem os elementos de diferenciação, atingindo a média linguística, quando penetrarem o âmbito da morfologia, teremos então perfeitamente delimitados o *brasileiro* e o *lusitano*, pois que o *português* é a árvore ramificada.

Éramos, Brasil, Portugal e Algarves, um só reino unido. Tínhamos um único liame político e um único liame intelectual. Mas, com a nossa independência política, veio a coincidir a nossa independência literária. Daí para os dias que rolam, nada mais temos que ver com os literatos portugueses, nem com a linguagem que empreguem nas suas obras de arte, assim como nada mais temos que ver com os seus destinos políticos. Os homens de pensamento que a eles nos quiserem acorrentar devem ser soberanamente desprezados, por que são falsos, por que são apenas puçás humanos, que, ao caírem, se não o fazem ressupinamente, conseguem a custo fazê-lo sentados.

Na Espanha e nas repúblicas espanholas da América, não se tem procurado solver o problema de maneira mais consentânea com a razão e com os princípios da ciência. O mesmo é que em relação a nós. Provêm dessa incompreensão dos fatos as demonstrações de nacionalismo, objetivadas não só nos

livros de literatura, poesia e romance, mas também nos estudos filológicos, reação feita ainda com mais calor e decisão do que em nosso país. Os «Folhetos Lenguaraces», de Vicente Rossi, têm acendido uma luta sem treguas contra a preponderância do castelhano e em prol da independência do *rioplatense*, que seria a lingua comum ao Uruguai e à Argentina. «Romance, cerventino, o lo que sea el lenguaje que hablamos y escribimos, es Uruguayo en la banda oriental del Plata y es Argentino en la occidental.» (1) «*Idioma es ser vivo*; heraldo de hogar, de intelecto, de espiritualidad, de vida nacional; y todo eso es argentino en Argentina, uruguayo en Uruguay.» (2) E' interessante fazer algumas citações dos folhetos que constituem o «Desagravio al Lenguaje de Martin Fierro». Lê-se no verso da capa do número 15:

«Es el producto de una lamentable mentalidad, obstaculizar a un pueblo que forme su habla, expansion y expression de su intelijencia, de su espíritu, de su nacionalidad; para mantener otra habla, extranjera, nó de cultura, resabio inutil de la funesta era inicial de ese pueblo.

«Un adarme de delicadeza, un minimo de ilustracion, serian suficientes para levantar el pensamiento hacia la ambicion de la soberania de lo propio, si ese adarme y ese minimo le fuera posible reunirlos a la rémora que integran nuestros dirijentes sociales, intelectuales y políticos.

«Entre someterse y someter, la eleccion de los hombres.»

Vejamos a página 3:

«Nuestro léxico tiene un aporte promedio del 500 % sobre lo castellano y es infinitamente superior.

«Nuestra fonética es nuestra bandera idiomática, clara y armoniosa como los colores patrios.

«Nuestra sintaxis es rítmica, sencilla, diáfana como el alma nativa.

---

(1)—Folheto n. 15, p. 60; Río de la Plata, 1934.

(2)—N. 18, p. 8; 1936.

«Castellanizar es conspirar contra nuestra nacionalidad y cultura.»

Há, nesse trecho, entre verdades que não hão de ser muito agradáveis aos espanhóis, o êrro de pensar que a fonética é que distingue as línguas. Êrro ainda maior, porém, é atribuir tão importante papel à sintaxe, como em geral se faz entre indivíduos de língua portuguesa, quando, o que veremos provavelmente no decorrer destes estudos, a sintaxe é, por um lado, lógica e, por isso, UNIVERSAL; por outro, TEMPORAL, sujeita a moldes que se padronizam em certas épocas; mas, antes e acima de tudo, INDIVIDUAL, dócil e maleável instrumento nas mãos destras do verdadeiro artista, que aqui distende e ali golpeia a frase, que a simplifica ou dificulta, que lhe imprime a majestosa beleza de uma estátua de Miguel-Ángelo ou a beleza ourivezária de uma figurinha de Tánagra.

Na página 70 do folheto 19, alegra-se Rossi com um contratempo sofrido pelo castelhano em Hollywood:

«El castellano ha sido repudiado en el cine por todos los pueblos de Indo-America. Se ha tratado de sostenerlo hasta imponerlo, pero ha fracasado definitivamente, cerrandole sus puertas los estudios de Hollywood por orden de los pueblos latino-americanos.

«Los grandes productores norteamericanos, personalmente comprobaron que habian sido engañados con America-hispana e hispano-America, rótulos gratuitos propagados por la publicidad, basados en las lenguas com sedimento castellano; y tambien comprobaron que los pueblos que los hablan prefieren cine en inglés, sin entenderlo; les basta rótulos de traduccion; repudian la carraspera de Castilla, desconocida en sus fonéticas y desagreade a sus oidos y a su historia.»

E incita no verso da capa do folheto 21:

«Nativo: Sobrepongase a la deprimente injerencia extranjera que pretende manejanos con las comidas riendas de su idioma. Sea personal en habla y gramaticalidad, cooperando a la obra colectiva. No se arrebañe, escriba *mal* para escribir mejor. No se

deje engañar por los que titulan *cultura* ao renunciamiento de idiomatismo propio. Llame Argentino a nuestro idioma. Prefiera la publicidad con tendencias a nacionalizar el lenguaje. Rechace todo autor nativo castellanista. No retarde mas nuestra independencia idiomática. Mirando hácia atras no se marcha hácia adelante. Hagase respetar.»

O mais interessante de tudo, porém, é, para nós, o que se lê no 18.º folheto, verso da capa e final da página 8. A empresa telegráfica «United Press» noticiara para o Prata, do Rio-de-Janeiro, no dia 12 de Julho de 1935, ter sido apresentado ao Congresso um projeto de lei, assinado por 158 membros, «número suficiente para assegurar a sua aprovação», o qual mudava em *idioma brasileiro* o nome da lingua que se fala e escreve no Brasil. Rossi transcreve o telegrama e, em seguida, palavras de Brenes Mesen, professor de universidade em Illinois, acêrca dos seus folhetos, e das quais põe em relêvo aquelas em que o ilustre professor diz que «la literatura retardará, no detendrá el movimiento de avance: será negativo todo esfuerzo realizado con ese propósito». E conclue:

«Brasil inició la realidad de la prediccion.

«Brasil nos ha dado el edificante ejemplo; en 1931 nacionalizó su gramatica y en estos momentos su idioma.»

O que fizemos em 1931 foi simplesmente adotar a grafia oficial lusitana, a que impusemos, com algumas modificações felizes, outras destituídas de qualquer critério, inteiramente falsas. Depois, nada mais fizemos. Idioma nacional foi o que sempre teve o Brasil, como o Uruguai, como a Argentina. Mas, se por *nacionalizar a gramática e o idioma* entende Rossi a separação de linguas entre as repúblicas latino-americanas e as metrópoles de outros tempos, ninguém sabe ainda, com a vertiginosa rapidez dos meios de comunicação e com a difusão cada vez maior do ensino, quantas gerações terão de ver a luz do Sol antes que brasileiros deixem de falar português e pratenses castelhano.

«A Linguagem da Academia Cearense de Letras» é o primeiro dos meus *Estudos Cearenses*, e será seguida das «Cirandas Infantís», que estou publicando na «Revista do Instituto do Ceará», onde já saíram cerca de cem páginas, da «Poesia de Cordel» e das «Narrações Populares Estenográficas». Pretendo também, depois, levantar o nosso mapa dialetológico e, a final, fazer o apanhado geral das modificações, fonéticas, sintáticas, semânticas, vocabulares, e talvez até morfológicas, que caracterizam, não o nosso dialeto, mas a nossa dialeção.

A Academia, como disse ao começar esta introdução, agrupa, com algumas falhas, é natural, os mais representativos dos intelectuais do Ceará. Não me seria, portanto, fácil tarefa escolher aqueles por quem iniciar o meu trabalho filológico. Adotei então o critério da rigorosa ordem alfabética, com uma única exceção: a de António Sales, por ser o nosso presidente e por ser o maior de todos nós. Se a capacidade puder acompanhar a trilha que a vontade lhe traçou, farei, de cada um em particular, para dar a visão do conjunto, um estudo amplo, minucioso, completo, examinando-lhes a frase e o léxico sob os aspectos todos que a filologia comportar.

---

## I

### A LINGUAGEM DE ANTÓNIO SALES

POESIAS, H. Garnier, Rio—  
Paris, 1902.

MINHA TERRA, Ceará, 1919.

AVES DE ARRIBAÇÃO, 2.<sup>a</sup> ed.,  
«Companhia Editora Nacional»,  
1929, São-Paulo.

Artigos vários.

#### Plano fraseológico

António Sales é um dos prosadores mais corretos e elegantes da lingua portuguesa. Homem delicado, simples, sensível, recatado, religioso do amor

da família, essas qualidades haviam de por fôrça manifestar-se na sua prosa, sempre equilibrada, harmoniosa, envôlta em meias tintas, estruturalmente sóbria, mesmo na correção, mesmo na elegância. Não tem a complicação de um Fialho de Almeida ou de um Gonzaga Duque, a monótona amplidão de Rui Barbosa, a tal ou qual aspereza de um Euclides da Cunha ou de um Abel Botelho, o extremado labor de joalheria que João Ribeiro pôs nas «Páginas de Estética», a melosidade de José de Alencar, a brutalidade de certos autores super-naturalistas, o abominável retorcido de outros, que pensam que escrever clássicamente é ser impenetrável e esquipático; lembra Eça de Queiroz e lembra Machado de Assiz. O poeta emparelha com o prosador. A sua frase é a revezes tão simples, que, a olhos inexpertos, parece inadvertida e descuidada. Mas, calculada, medida, pesada, quanta arte descobrimos que encerra! Ora curta, ora comprida, mas sem a curtez perturbadora de alguns, nem o comprimento extravasante de outros. A ordem direta alterna com a inversa, mas a inversão não é nunca tão pronunciada, que prejudique, ou mesmo dificulte, o sentido. O primeiro capítulo das *Aves de Arribação* é típico. Aí estão logo patentes as qualidades do escritor. Aí estão até uma das suas frases mais longas e uma das suas tão rápidas e belas descrições:

a) «A assombrosa actividade desenvolvida por João Ferreira, o jogo ruidoso que elle fez com os pequenos recursos de que dispunha, as audaciosas tentativas realizadas para cercear a importancia aos antigos commerciantes de grande credito na Fortaleza e desde muitos annos assenhoreados de toda a vida mercantil do municipio, cujos habitantes lhes vendiam seus productos agricolas em troca dos artigos de que necessitavam, deram logar a uma reacção contra o desalmado intruso, que assim vinha ferir os interesses e perturbar os habitos do velho commercio rotineiro, no seu simples funcionamento inalteravel.» (P. 11.)

b) «Bateram as Trindades. O vigario tirou o gorro e isolou-se do grupo para orar. Todos se descobriram. Uma forte verberação do poente coloria a

egreja de um alaranjado vivo. Pairava em tudo uma serenidade infinita; e na meia luz do espaço as notas do sino resoavam solennemente, com uma vibração demorada e cheia.

«Por todas as abertas do templo se escapavam morcegos para a razzia nocturna, tomando rumos diversos, num vôo tropego, a que faltava a fluctuação serena da plumagem. Nos tamarindeiros do quintal as graúnas faziam as despedidas ao sol, desferindo as notas agudas e limpas do seu canto, a estalarem crystallinamente na calma religiosa do ar.» (P. 23.)

Tem doze linhas a primeira frase citada, mas não é a mais longa do romance. Essa está nas páginas 85 e 86, e conta catorze linhas:

«Sahiram as duas pela porta da sala de jantar e começaram a percorrer a longa calçada de um extremo ao outro, os braços reciprocamente enlaçados á cintura, caladas ambas, mal resistindo aos impetos de dizer tudo para desfazer a desconfiança mútua que as separava, máu grado seu, enquanto physicamente unidas iam e vinham, passando a cada instante por diante do quarto, cuja luz projectada em leque sobre o chão da praça toda em treva, fazia parecer mais negra para além aquella morna noite de abril, forrada de nuvens que interceptavam as estrellas, e inflammada de longe em longe pelo fuzilar dos relampagos a debuxarem subitamente o contorno caprichoso dos torreões postados na linha ignorada do horizonte.»

O exame das transcrições mostra bem que o escritor sabe, em alto grau, manter justa a medida do equilíbrio, ciência que falece a alguns dos nossos prosadores e poetas de valor reconhecido e proclamado.

A primeira frase começa pelo sujeito, múltiplo, continuado por proposições incidentes que não lhe obscurecem o sentido das partes constitutivas, antes o precisam e caracterizam, segue pelo verbo, pelo objeto direto e por um determinante circunstancial que vai dar-lhe natural remate, através de uma proposição adjetiva.

A última começa pelo verbo, segue pelo sujeito, desdobra-se numa coordenada, para acabar em

determinantes circunstanciais, alguns dêles proposicionais ou modificados por proposições adjetivas, de carácter restritivo e explicativo, que a vêm preparando para findar suavemente, sem brusquidão nem queda.

As frases da descrição, artisticamente perfeita, em que não se há de mudar uma palavra sequer, ou designar-lhe colocação diferente, em que nada falta, nem o alaranjamento produzido pelo sol, nem o bando doído de morcegos, nem o estalar agudo das graúnas, essas frases são todas curtas, algumas de uma só proposição, com predominância da parataxe. A hipotaxe só se encontra aí uma vez, não se considerando as proposições nominais, que, por seu lado, não passam de quatro, proporção mínima para um trecho que conta dez proposições verbais puras. A primeira, quarta, sexta, sétima, oitava, nona e décima são inversas, tendo quatro delas o sujeito depois do verbo, e três antes. Dessas proposições inversas, três se iniciam com determinantes adverbiais, uma imediatamente com o verbo, e outra é de inversão forçada. E' aí que vamos surpreender um dos dois esquemas fraseológicos próprios a António Sales. Êle se compraz em começar a frase por meio de um determinante adverbial, em pôr-lhe a seguir o sujeito e o verbo, ora primeiro um, ora primeiro o outro, e em rematá-la por determinantes adverbiais, um ou mais de um, desdobrados ou não em novas proposições:

«E na meia luz do espaço as notas do sino resoavam solennemente, com uma vibração demorada e cheia.» (P. 23.)

«Por todas as abertas do templo se escapavam morcegos para a razzia nocturna, tomando rumos diversos, num vôo tropego, a que faltava a fluctuação serena da plumagem.» (*Idem.*)

«Nos tamarindeiros do quintal as graúnas faziam as despedidas do sol, desferindo as notas agudas e limpas do seu canto, a estalarem crystallinamente na calma religiosa do ar.» (*Id.*)

«Na Fortaleza e no Recife gozava o bacharel Alipio de fama de talentoso, não porque se houvesse distinguido muito nos seus estudos juridicos, mas

por suas aptidões oratorias e pelos trabalhos literarios publicados nas revistas academicas do Recife.» (P. 24.)

«Em Ipuçaba ninguem sabia coisa alguma sobre a individualidade privada do novo promotor, a não ser o vigario, que cooperara bastante para a sua formatura, sacrificando-se ás vezes para attender aos pedidos que elle lhe fazia nos seus frequentes apertos pecuniarios.» (P. 24-5.)

«Com as ultimas palavras, o pranto de Florzinha recrudescceu, sacudindo-lhe o peito com soluços abafados de encontro aos joelhos, sobre os quaes ella se dobrara, como uma planta batida por um sopro de borrasca.» (P. 99.)

Pode-se dizer até que é êsse, apesar de não ser o predominante no livro, o seu plano fraseológico tipicamente ARTÍSTICO, aquelle que melhor se adapta às suas tendências estéticas, aquelle a que recorre habitualmente quando quer dar à frase todo o valor expressivo, tôda a fôrça pictural de que ella é capaz.

O outro esquema fraseológico é o que começa pelo sujeito, tem logo depois o verbo e, a final, os determinantes :

«O actual vigario, padre Balbino, substituiu ao padre Serrão, que pastoreara o rebanho ipuçabense durante treze annos e sete mezes.» (P. 9.)

«E o major José Herculano, o antigo e respeitado chefe liberal, teve de enfrentar como adversario o individuo a quem levantara da miseria e que o roubara.» (P. 12.)

«Um odio mortal nascera entre os dois homens, depois que João Ferreira estivera a ponto de levar á cadeia o seu antigo bemfeitor por crime de *calumnias*, contidas num artigo de jornal.» (P. 13.)

«Este não tardou em romper formalmente com o vigario, começando logo a amofinal-o com as mil picardias em que era useiro.» (P. 15.)

«Essa roda se formava á tardinha, quando uma larga faixa de sombra se projectava na praça forrada de tapete de capim aparado baixinho pelos animais, a pastar por ali peiados, tilintando monotonamente os chocalhos.» (*Id.*)

«A igreja resplandecia ainda na fulguração do pôr do sol com um brilho offuscante na vidraçaria do côro.» (P. 20-1.)

Estão, pois, aqui as características da frase de António Sales, no que tange ao plano a que obedece: extrema variedade de esquemas, mas predominância da parataxe e de dois tipos principais—determinante adverbial, sujeito, verbo (ou verbo e sujeito), determinantes, ou—sujeito, verbo, determinantes.

(Continua)

---

---